

A diversidade energética brasileira.

Em termos de produção o Brasil é um país muito rico em recursos energéticos renováveis, fósseis e nucleares, há quase uma infinidade deles. Cada fonte tem suas características, seus impactos ambientais, seus impactos sociais e econômicos. O segredo é otimizar o seu uso, pois o conceito de sustentabilidade requer pensar na questão econômica associando-a ao social e ao ambiental.

Por outro lado, o Brasil é um país pobre energeticamente, visto que tem um consumo per capita de eletricidade que é metade de Portugal e 1/4 da Alemanha. Sim, as fontes renováveis são importantes, mas a realidade é que nenhum país se industrializou usando painéis solares e usinas de vento. Com a urbanização, com a necessidade de infraestrutura, será necessário energia, cimento e aço, que usam combustíveis fósseis, em especial o carvão.

Segundo os ambientalistas, “o uso de carvão está na contramão do mundo”, mas essa afirmação como várias usadas na grande mídia, são eivadas de meias verdades. Esqueceram de olhar para a revolução industrial que está novamente em curso na Ásia. Na vida real vemos que no mundo, em 2017, 40% do suprimento novo de energia elétrica veio de usinas a carvão. O crescimento da produção do carvão desde 2006 até hoje foi de 3,1% ao ano e visualiza-se o crescimento de 0,7% ao ano até 2035.

Como a experiência europeia mostra, as expansões das energias renováveis ainda não levaram a uma redução uniforme no uso do carvão. No caso da Alemanha, o carvão ainda participa com 40% na matriz de geração de energia elétrica. Portanto, pelo que demonstramos, mesmo que nos USA e na Europa exista a previsão de reduzir o carvão nos próximos anos, o carvão no mundo continuará a ser resiliente e a crescer nos mercados emergentes da Ásia e, nas próximas décadas, na África.

Os países que anunciaram uma aliança pelo encerramento de seus programas a carvão até 2030, entre eles Reino Unido, França, Canadá, Portugal e México são na maioria importadores de carvão e, portanto, buscam alternativas domésticas para seu abastecimento de energia, especialmente nas intermitentes renováveis.

No Brasil, que tem mais de 80% de energia renovável na matriz elétrica, meta de vários países para 2050, mesmo que continue fazendo usinas a carvão, continuará com esse mesmo percentual. Em termos de emissões de gases de efeito estufa na energia, o Brasil permanecerá cerca de 1,4% das emissões globais, não sendo o carvão termelétrico o problema brasileiro, já que ele representa 3,7% das emissões de energia e 0,7% das emissões totais.

Acreditamos que o discurso, ambientalista está fora de foco, pois primeiro deveria ter uma visão holística da questão ambiental, analisando o meio ambiente na ótica dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS - Agenda 2030 da ONU, que é buscar o equilíbrio sócio, econômico e ambiental. A análise e o foco no segmento fóssil, em especial no carvão, demonstra o apoio a determinadas fontes de energia, sem o compromisso do conceito da sustentabilidade. Devemos buscar a redução de emissões de todas as fontes de energia e não simplesmente discriminar as fontes. Devemos apoiar iniciativas para redução das emissões como o desenvolvimento de tecnologias de captura e armazenamento de carbono e não buscar acabar com fontes que movem a economia e propiciam a redução da miséria e do caos social. Felizmente no Brasil temos a diversidade de fontes e a busca do equilíbrio, traduzido pelo atingimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável, deve ser o compromisso de todos.

Fernando Luiz Zancan - Presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral – ABCM